

---

# O ENCONTRO ANUAL DOS PROFETAS DA CHUVA EM QUIXADÁ, CEARÁ: A CIRCULAÇÃO DE DISCURSOS NA INVENÇÃO DE UMA TRADIÇÃO

**Karen Pennesi**

*University of Western Ontario – Canadá*

**Carla Renata Braga de Souza**

*Universidade de Fortaleza – Brasil*

**Resumo:** *Traçamos as origens e o desenvolvimento do Encontro dos Profetas da Chuva, que ocorre no município de Quixadá, Ceará, demonstrando como a invenção dessa tradição depende da circulação de discursos populares, acadêmicos e midiáticos para realizar o objetivo primário de “resgatar a cultura”, que é imaginada existir na zona rural do sertão nordestino. Examinamos a interseção entre cultura e folclore, analisando a colaboração dos indivíduos, da mídia, de estudiosos (inclusive antropólogos) e outros na produção da cultura relacionada à previsão de chuvas. Dessa maneira, simultaneamente inventamos e resgatamos uma tradição. Mostramos como os textos produzidos pela mídia e pelos pesquisadores entram no discurso público sobre os profetas da chuva. Ao olhar de perto a intertextualidade dos discursos midiáticos, acadêmicos e populares sobre os profetas da chuva, contribuimos com os debates sobre a influência que nosso trabalho tem nos saberes e fazeres que estudamos.*

**Palavras-chave:** *circulação de discursos, mídia, profeta da chuva, tradição inventada.*

**Abstract:** *We trace the origins and development of the annual Meeting of the Rain Prophets, held in Quixadá, Ceará, demonstrating how the invention of this tradition depends on the circulation of public, academic and media discourses in order to achieve the goal of preserving the culture imagined to exist in the rural Northeast. We examine the intersection between culture and folklore, analyzing the collaboration of individuals, media and researchers (including anthropologists) in the production of culture related to rain prediction. We show how texts produced by the media and researchers enter into public discourse about the rain prophets. In these ways, we are simultaneously inventing and preserving a tradition. Taking a close look at the*

*intertextuality of media, academic and public discourses about the rain prophets, we contribute to debates about the influence our work has on the knowledge and practices we study.*

**Keywords:** *circulating discourses, invented tradition, media, rain prophets.*

## Introdução

Neste artigo, traçamos as origens e o desenvolvimento do Encontro dos Profetas da Chuva,<sup>1</sup> que ocorre no município de Quixadá, Ceará, demonstrando como a invenção dessa tradição depende da circulação de discursos populares, acadêmicos e midiáticos para realizar o objetivo primário de “resgatar a cultura”, que é imaginada existir na zona rural do sertão nordestino. Partimos da ideia elaborada por Hobsbawm e Ranger (1983), que tradições são inventadas para reforçar a coesão de um grupo e legitimar certas ações. Uma “tradição inventada” é um conjunto de práticas ritualizadas ou simbólicas, que tem como objetivo inculcar, por meio da repetição, certos valores e normas. São respostas a novas situações que estabelecem vínculos ao passado, assim apontando a uma identidade em comum (Hobsbawm; Ranger, 1983, p. 1-2). Afirmamos que toda tradição é inventada e reinterpretada, mas tratamos aqui de tradições construídas intencionalmente. Por exemplo, Chambers (2010) escreve sobre o “turismo indígena” que leva turistas para observar povos cujas culturas são supostamente mais simples e próximas da natureza. O foco externo em certos aspectos da cultura pode criar no povo uma apreciação do passado, que gera ânimo para resgatar e preservar elementos dessa cultura. Neste trabalho, examinamos o processo de inventar a tradição do Encontro Anual dos Profetas da Chuva para resgatar uma parte da cultura nordestina

---

<sup>1</sup> Este artigo elabora algumas ideias que apresentamos no XI Encontro de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade de Fortaleza, 17-21 de outubro de 2011 (Pennesi; Souza, 2011) e outras emergentes na tese de doutorado de Pennesi (2007a). Agradecemos a participação dos profetas da chuva, de outros cidadãos de Quixadá, e especialmente a ajuda de Helder Cortêz e João Soares, durante muitos anos de pesquisa. Contamos também com a assistência de Júlio Hércio Magalhães Cordeiro durante as pesquisas de campo. O texto se beneficiou de comentários dos professores Karla Patrícia Holanda Martins e Renzo Taddei, mas a responsabilidade por qualquer deficiência é nossa. Agradecemos o apoio financeiro da University of Western Ontario, da Wenner-Gren Foundation for Anthropological Research, o Emerging Leaders in the Americas Program do governo do Canadá, e Funcap.

baseada na agricultura e na ecologia da região, e a participação da mídia e das ciências sociais nisso.

Briggs e Bauman (1992) sugerem que devemos considerar o processo de intertextualidade genérica na produção de etnografia, especificamente a interação entre o gênero etnográfico e outros gêneros literários. A intertextualidade se refere ao processo de usar um texto (discurso falado ou escrito) num novo contexto, muitas vezes num gênero ou estilo diferente, para agregar alguns significados ou associações do original ao texto novo, e ao produtor desse texto novo. A nossa análise é influenciada pelo trabalho de Spitulnik (1996), que demonstra como a mídia não é apenas uma fonte de informação consumida pelo público, pois este pode reproduzir e transformar textos midiáticos para criar novos significados. Dessa maneira, os discursos da mídia circulam em lugares e contextos longe de onde se originaram, num processo intertextual.

Investigamos a construção, através do tempo, do papel social do profeta da chuva e da tradição do encontro. Essas construções são colaborações entre atores individuais (os organizadores do evento e os profetas), representantes da mídia (repórteres e suas equipes) e pesquisadores (antropólogos, psicólogos, e outros) cujas palavras e imagens são passadas, trocadas e distribuídas, assim influenciando as representações e ações de cada um, além dos entendimentos dos diversos públicos. Por exemplo, um jornalista cita a previsão de um profeta numa reportagem sobre o encontro dos profetas, enquanto uma antropóloga cita a mesma previsão em um artigo acadêmico. No próximo encontro, a antropóloga resume alguns pontos desse artigo durante uma entrevista com um jornalista. A matéria escrita é depois mencionada pelo organizador do encontro na próxima realização do evento e em entrevistas que ele também dá. Dessa maneira, os textos produzidos pela mídia e pelos pesquisadores começam a entrar no discurso público sobre os profetas. Sabendo que estão sendo observados, e talvez citados, por esses grupos, alguns profetas modificam sua maneira de falar e agir. É por esse processo que participamos da invenção e do resgate simultâneo de uma tradição. Olhando de perto a intertextualidade envolvendo discursos midiáticos, acadêmicos e populares sobre os profetas da chuva, contribuimos aos debates sobre a influência e relevância que nosso trabalho tem nos saberes e fazeres que estudamos.

Organizamos o resto do artigo da seguinte forma. Na próxima seção, descrevemos quem são os profetas da chuva e o que é o Encontro Anual dos Profetas da Chuva. Depois, explicamos o que é a cultura a ser “resgatada” com

a invenção da tradição do encontro e como isso é imaginado acontecer. Na quarta seção, apresentamos nossa análise dos discursos midiáticos e acadêmicos sobre os profetas em relação ao encontro. Na quinta seção, analisamos as interações entre a mídia, pesquisadores e os profetas, e a circulação de discursos dentro desses grupos. Na conclusão, refletimos sobre o nosso papel como pesquisadores na construção da tradição que estudamos.

## Os profetas da chuva e o encontro anual em Quixadá

Os profetas da chuva têm um conhecimento particular a respeito da manifestação da natureza sobre os sinais de chuva e de seca no Nordeste brasileiro. Esse saber é construído ao longo dos anos através de sua interação com o meio ambiente, bem como por meio do desenvolvimento de experiências e rituais, passados de geração em geração, seja na família ou entre amigos. Os interessados nesse conhecimento, aqueles que têm um vínculo significativo com a terra,<sup>2</sup> aprendem através da convivência, do crescimento de um entendimento próprio e de um conjunto de sinais – as experiências – como construir suas próprias previsões, singularizando-as. Não existe somente um grupo de sinais, nem um ritual obrigatório que todos os profetas seguem (Pennesi, 2007a; Pennesi; Souza, 2011; Taddei, 2005). A interpretação dos sinais na natureza, como observa o antropólogo Renzo Taddei (2005, p. 171-172), segue princípios e procura padrões que demonstram a renovação de alimentos e a reprodução das espécies. Dessa maneira, a previsão é resultado de observações do ecossistema como um todo, com atenção às inter-relações e proporções entre os vários elementos.

Não é surpreendente, então, que a maioria dos profetas da chuva tenha vivência com a agricultura ou com criação de animais, mostrando que sua relação com a terra é de familiaridade. Apesar disso, ainda existe aqueles que não trabalham na agricultura, desempenhando ocupações diversas, como motorista, dentista, contador, radialista e comerciante, mas sua proximidade com a atividade do campo se dá pela lembrança de suas vivências passadas ou de familiares próximos. O profundo conhecimento da natureza e seu funcionamento dá aos profetas a capacidade de perceber as mudanças, processos e padrões que dão significados à cultura local, o que pode ser visto quando as

---

<sup>2</sup> Ou seja, a relação entre homem e terra adquire apreço.

profecias são construídas e passadas aos ouvintes, quase sempre aos jovens, como histórias do cotidiano.

Na cidade de Quixadá, a partir do ano de 1996, se realiza o Encontro Anual dos Profetas da Chuva, onde os profetas anunciam publicamente as suas previsões para a próxima estação chuvosa na região. O encontro se realiza no segundo sábado de janeiro, num local aberto para o público. Aqueles que se identificam como profetas da chuva são apresentados por Helder Cortêz, um dos organizadores do encontro, e depois cada um tem sua vez de falar, incluindo a previsão e uma breve descrição dos métodos usados para chegar àquela conclusão. Muitas vezes, a previsão é enquadrada dentro de narrativas, poesias, apelos, reclamações e conselhos. Até 2007, um meteorologista da agência estadual também dava uma previsão. Além das previsões, o roteiro de atividades do encontro também pode incluir palavras de políticos locais ou outras autoridades, homenagens a determinadas pessoas, e apresentações de dança ou de música. Na plateia se encontram membros da comunidade, estudantes, pesquisadores, turistas e representantes da mídia. Segundo Cortêz, os objetivos do encontro são: dar uma previsão do período chuvoso;<sup>3</sup> valorizar ou “resgatar” a cultura rural nordestina; motivar o surgimento de novos profetas; e a confraternização dos nordestinos.

A construção de uma narrativa endereçada ao outro como forma de perpetuação de acontecimentos e vivências que afetam os homens em seu modo de estar no mundo é uma forma de experiência, entendendo-a como conceito benjaminiano, quando o autor afirma que

a experiência sempre fora comunicada aos jovens. De forma concisa, com a autoridade da velhice, em provérbios; de forma prolixa, com a sua loquacidade, em histórias; muitas vezes como narrativas de países longínquos, diante da lazeira, contadas a pais e neto. (Benjamin, 1994, p. 117).

A elaboração das previsões foi ensinada pelo pai ou outro parente quando os profetas ainda eram crianças, enquanto moravam na zona rural, mostrando que narrativas sobre a natureza se coadunam com suas histórias de vida, ambas adquirem novas formas quando os profetas se tornam adultos, pois a interpretação dos sinais pode ser modificada pela experiência própria ou

---

<sup>3</sup> Compreende-se como período chuvoso os meses de janeiro até junho.

seguida como um ritual. Essas narrativas se tornaram mais conhecidas durante o encontro dos profetas, nele são descritas as previsões e como elas foram construídas, dando voz não somente à construção de um saber, como também a histórias de vida com a terra que são propagadas para outras gerações.

“O Encontro dos Profetas de Chuva, na cidade de Quixadá, constituiu um marco na história deste tipo social sertanejo” (Montenegro, 2008, p. 237). Antes do encontro, profetas famosos chamaram a atenção de jornalistas e estudiosos (Magalhães, 1963; Vicelmo, 1985), mas o “tipo social” referente a um grupo ou a uma identidade de “profeta da chuva” somente despertou interesse das pessoas fora das comunidades rurais a partir da realização do encontro em 1996. O ato de juntar os profetas e fazer um evento para discutir e divulgar prognósticos para um público maior tornou as atividades envolvidas na geração e comunicação dessa sabedoria uma tradição reconhecida, mesmo nas cidades. Então o encontro de Quixadá tem sido muito importante na transformação do papel e da imagem social do profeta da chuva.

Com o decorrer do tempo, o encontro vem crescendo e sofrendo transformações: de local, de público, de participantes e audiência, assim como afirmando tanto pelos organizadores quanto pelos pesquisadores desse acontecimento (Pennesi; Souza, 2011; Taddei, 2006). Por causa do encontro, os profetas da chuva passaram a revelar-se com maior intensidade nas rodas de conversas, nos encontros sociais e na rotina da cidade e de seus moradores.<sup>4</sup> Além disso, o evento está adquirindo êxito, na medida em que se tornou parte integrante do calendário local, com a oficialização do segundo sábado de janeiro como dia do profeta da chuva. A cada ano aumenta o número de participantes, tanto de profetas quanto de interessados no tema: representantes da mídia televisada e escrita, pesquisadores e membros da comunidade local e próxima. É interessante observar esse movimento, tendo em vista o objetivo de resgatar a cultura e a importância do evento para a sociedade. Com o foco da nossa análise no encontro como uma tradição inventada, ampliamos a literatura já existente sobre o papel social do profeta da chuva e a tradição de fazer previsões no sertão nordestino (Galeno, 1998; Magalhães, 1963; Martins, 2006; Montenegro, 2008; Pennesi, 2007a; Taddei, 2005).

---

<sup>4</sup> Para maiores informações sobre o surgimento do encontro, indicamos Pennesi e Souza (2011), em que é retratado o percurso histórico do encontro, mostrando como se deu essa maior inclusão do profeta da chuva na comunidade local.

## Inventando tradição para resgatar cultura

Nesta seção, explicamos o que é a “cultura” a ser resgatada pelo encontro dos profetas e como a invenção dessa tradição é dirigida a esse objetivo.

O número de profetas que se apresentam no encontro em Quixadá está crescendo a cada ano, de seis profetas no primeiro encontro de 1996 para até 32 em 2012.<sup>5</sup> Apesar disso, ainda há uma reclamação entre os profetas e os promotores do encontro a respeito da dificuldade de surgimento de novos profetas, isto é, de jovens se interessarem em aprender a interpretar as transformações da natureza em previsões climáticas da estação chuvosa. Como um efeito em cascata, o que se chama de “resgate da cultura” está diretamente ligado ao desinteresse dos mais jovens em aprender sobre a natureza e suas mudanças. Sobre esse tema, o profeta da chuva Jacaré expõe que

O jovem hoje, ele não se liga muito [para a tradição de prever chuva]. Porque eu só vejo dizer na televisão, “ah, tem estudo, o outro tá estudando, o meu filho vai se formar, meu filho vai ser enfermeiro, meu filho vai ser doutor, meu filho vai ser engenheiro, meu filho vai ser advogado” e não vem ninguém se ligar pra estudar a natureza e a terra, se ligar de que ele acha que aquilo não vai dar dinheiro pra ele... Aí também não vai se interessar a aprender aquilo que ele não vai ter financeiramente nada pra ele. (Entrevista em 26 de maio de 2010).

Ele observa que, enquanto há um aumento de oportunidades nas áreas rurais para a educação, há uma diminuição do tempo que os jovens passam aprendendo sobre a vida no campo e sua dinâmica. Ao passo que a educação formal adentra a vida bucólica, percebe-se um conflito entre a ciência e o conhecimento popular, quando parece que a primeira se sobrepõe ao segundo. Nesse contexto, crianças e adolescentes se prendem ao conhecimento formal e seu crescimento dentro dele, em detrimento do trabalho no campo, ou diminuição do tempo que ofereciam para a convivência com a natureza e fortalecimento da relação com a terra (Mayblin, 2010; Wanderley, 2000, 2007), prejudicando a apreciação e o interesse deles em aprender a ler as variações do meio ambiente e as traduzir em previsões de tempo e clima.

---

<sup>5</sup> Pesquisas que realizamos em outros municípios cearenses indicam que existem profetas em muitas regiões, mas nessa cidade há uma maior concentração deles.

Com o panorama que se apresenta, corroborado pela descrição de profetas, agricultores e organizadores do evento, pode-se entender o que se chama de “resgate da cultura” como a preocupação que todos esses têm com a transmissão dos saberes populares e os valores advindos da relação homem e terra. Em outras palavras, há uma preocupação com um futuro da agricultura familiar no sertão que desvanece (Pennesi, 2011b).

Helder Cortêz ilustra:

Se todo mundo for estudar segundo grau, e todo mundo tá chegando lá, não vai ninguém pro roçado mesmo, não. Não vai não... Você chega pra um profeta, você pode ter certeza, [...] ele é um homem digno, um homem que tem voz altiva e olha com um olhar superior que é um homem honesto orgulhoso. “Eu tirei meu sustento dessa terra” e quando ele diz [...] “Eu tive dez e sustentei os dez!” É isso que ele quer dizer, né. “Sustentei aqui. Sustentei com esse sol, sem um trator” que você tem e ele não tinha. [...] Então sempre o dele já é um exemplo, é um homem digno, um homem sério, honesto, pobre, mas honesto. Então a gente vê que assim... o resgate da cultura [que] eu falo é o resgate da cultura do profeta como líder de uma comunidade, como um bom exemplo, como um cara que pensa na terra, né, pensa na comunidade e na família. (Entrevista em 7 de janeiro de 2011).

Diante da fala de Helder Cortêz, que explicita o chamado “resgate da cultura”, não há necessidade de “resgatar” a tradição de fazer previsões, mas sim de valorizá-la, e, nisso, valorizar o meio de vida das pessoas que praticam essa tradição. Desse modo, usar a expressão “resgatar a cultura” dá uma importância e urgência às ações relacionadas ao encontro e ao objetivo de promover a agricultura familiar e outros meios de vida na zona rural, representados pelo profeta da chuva. “Valorizar” nesse contexto inclui: criar oportunidades para exibir a sabedoria e as práticas (isto é, realizar o encontro todo ano), fazer ações que chamem a atenção do público (isto é, convidando a mídia para cobrir o encontro), associar símbolos positivos com as pessoas identificadas como representantes da cultura (isto é, dar presentes e elogios aos participantes do encontro).

Sabe-se que as práticas de interpretação da natureza já existem nas comunidades rurais há gerações; contudo, a maior atenção que a mídia vem oferecendo aos profetas da chuva nos últimos anos se deve à formalização dessa prática, ou seja, com a realização anual do Encontro dos Profetas da



Chuva, estes se tornaram um intenso foco midiático por determinado período do ano. A repetição do encontro e das reportagens na mídia serve para reforçar a importância do evento e do que ele representa para a comunidade e, como vamos demonstrar, para a sociedade maior. Os profetas da chuva apresentam a capacidade de compreender, sentir, dar sentido às observações, e de ser em si o portador de uma cultura local singular. O encontro dos profetas, primeiramente inventado para valorizar a sabedoria popular, agora figura como símbolo importante nos discursos sobre desenvolvimento e turismo (Taddei, 2006), sobre a preservação do meio ambiente, a necessidade de fé religiosa e o comportamento moral e, ainda, a relação de dependência do ser humano com a terra.

### Discursos da mídia e acadêmicos sobre o Encontro dos Profetas da Chuva

Tempo, clima e o meio ambiente têm se tornado, cada vez mais, alvo de preocupação do público no mundo inteiro. No Nordeste brasileiro, assuntos comuns nesse ramo são o fenômeno El Niño e a seca. Previsão de tempo e clima, sempre assuntos populares nas localidades, agora são vistos em dimensões globais. A popularidade do meio ambiente em discursos públicos, refletidos e influenciados pela mídia, combina com a crescente fascinação com o conhecimento tradicional devido à associação imaginada entre a natureza e uma cultura pré-industrial rural. Esses tipos de conhecimento são apresentados como uma importante alternativa ao conhecimento científico para enfrentar problemas como o aquecimento global. Esses fatores fazem parte do contexto social em que a mídia nacional e internacional começou a dar atenção ao encontro dos profetas, durante o qual são tratados esses assuntos correntes como variações climáticas extremas, conhecimento tradicional, os limites da ciência e a relação do ser humano com o meio ambiente.

É nesse sentido que o encontro dos profetas é veiculado em todo o Brasil, mostrando que o conhecimento do povo do sertão é profundo, valoroso e útil. É numa perspectiva que contrasta com o estereótipo pejorativo no imaginário popular brasileiro, em que os sertanejos são vistos como desfavorecidos econômica e intelectualmente e, portanto, são alvos de atitudes, comentários ou pensamentos preconceituosos. A mídia, contudo, é um dos influenciadores desse tipo de visão, ao mesmo tempo em que se preocupa com os acontecimentos culturais do interior, tendo como objetivo levar esses fenômenos para a população urbana brasileira.

Renzo Taddei (2006) analisa como a identidade social do “profeta da chuva” tem sido transformada pela atenção da mídia, que enfatiza a participação dos profetas no encontro. Taddei mostra como a mídia enquadra os profetas do sertão dentro do discurso do desenvolvimento econômico no Ceará, em que a modernidade, a industrialização e o desenvolvimento do turismo representam um futuro desejável, enquanto “a agricultura familiar, o subsídio e a ajuda governamental são representados como símbolos do atraso” (Taddei, 2006, p. 162). Segundo Taddei (2006, p. 168), os programas na televisão, jornais e artigos e vídeos na internet transformam o encontro “num espetáculo da vida rural para públicos urbanos, e o profeta do sertão é feito ícone do mundo rural folclorizado, isto é, candidato a um processo de museificação para sociedades urbanas que não conseguem identificar outro lugar social legítimo para este tipo de prática que não dentro de um museu ou como parte de festas folclóricas”. Dessa maneira, a vida rural é romantizada e deslocada no tempo e o encontro se torna uma atração para turismo rural, fazendo parte do folclore nordestino. Assistindo a programas na televisão ou lendo reportagens no jornal é que o turista urbano ganha uma espécie de experiência autêntica do sertão sem ter que deixar o conforto da cidade.

O trabalho de Taddei demonstra que escrever sobre os impactos do encontro na imagem social do profeta da chuva é falar também da mídia e dos processos de comunicação de massa, os quais são importantes para a divulgação do evento. Enquanto o encontro acontece, representantes da mídia transformam as palavras e interpretações dos profetas em informações depois disseminadas por emissoras de televisão e rádio, por jornais escritos e pela internet. Essas matérias são citadas e comentadas por blogueiros e membros do público geral. É nesse processo de intertextualidade genérica que é evidente a circulação de discursos.

O investimento das mídias – local, regional, nacional e global – em reportagens sobre o encontro contribui para a consolidação e disseminação do profeta como personagem da cultura local. Pode-se constatar isso, por meio da análise de entrevistas feitas com os repórteres desses jornais. Por exemplo, determinado repórter de Fortaleza que gravou uma matéria sobre o encontro de 2005 para uma emissora estadual, considerava a possibilidade de ser veiculada para um público nacional, e dessa forma direcionava a reportagem para uma abordagem de interesse nacional. Ele afirmava:

O público-alvo da nossa reportagem talvez nunca tenha vindo ao sertão, que são as pessoas da cidade, né. Muito provavelmente uma matéria como essa pode ir pra TV Brasil, que é uma filiada da TV Ceará, tem uma ligação assim de matérias. A gente pode levar essa matéria então pra todo Brasil. Pessoas que talvez nunca venham a um sertão como esse que nós estamos pra ouvir sertanejos como esses, que têm essa riqueza, pra que as pessoas também desmistifiquem, né. Porque a cultura não é só acadêmica, né. O empirismo também deve ser levado em conta. (Entrevista em 8 de janeiro de 2011).

Uma repórter de outra emissora nacional diz explicitamente o interesse que a população urbana do sul pode ter numa matéria sobre profetas da chuva no Ceará em 2011:

Nossa reportagem é Brasil porque a gente não tem uma programação local. Então eu tô tentando dar uma cara mais assim, do curioso, do popular, não focar muito como vai ser a chuva no Ceará porque pra quem mora em São Paulo, no Rio, não interessa... Um monte de profetas reunidos, e só pelo ter o nome de profetas é curioso, reunidos pessoas simples do campo, que conseguem identificar é, os sinais da natureza e, e eu vou tentar fazer uma comparação com o ano passado, se eles acertaram, se eles não acertaram. A maioria no ano passado errou, disse que ia ter muita chuva e não teve. Enfim, é isso. Eu tô tentando dar uma cara de nacio[nal], de interesse pro Brasil. (Entrevista em 8 de janeiro de 2011).

Evidências que as reportagens são dirigidas a um público urbano e nacional são encontradas na linguagem utilizada e no conteúdo que é transmitido, por exemplo, o que é explicado e o que não é mencionado. Orientações que indicam a distância de Fortaleza para Quixadá, a localização do Ceará no Nordeste do país, descrições do período de chuva, explicações que chuva é “tempo bom” e algo desejado para agricultores, e referências às pessoas na reportagem como “o nordestino” e “sertanejos” supõem que o ouvinte não é familiar com o contexto local e não faz parte dos grupos sociais mencionados. Se uma instituição de meteorologia é destacada, privilegiam uma nacional, como o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), baseado no estado de São Paulo, em detrimento da Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos (Funceme), que é um órgão do Ceará. Em contrapartida, reportagens locais, muitas vezes, mencionam a previsão “oficial” da Funceme quando falam do encontro dos profetas, enquanto mostram imagens icônicas de Quixadá, como a Pedra da Galinha Choca e o Açude Cedro, para dar uma orientação do

local, sem necessidade de explicitá-lo, privilegiando as previsões ao invés de minimizá-las em favor da cultura popular. Então, as reportagens têm uma especificidade diferente, dependendo do público ao qual são direcionadas.

É nesse contexto que traçamos agora as mudanças nos últimos 35 anos nas representações construídas pela mídia dos profetas da chuva e de seu conhecimento, principalmente em relação à ciência da meteorologia. Apresentamos uma análise de 387 reportagens em jornais (impresas e *on-line*) e 21 matérias feitas para programas de televisão que tratavam do assunto no período entre 1984 e 2011. Nas reportagens, identificamos três discursos em que os profetas da chuva e a prática de prever chuvas são enquadrados, para direcionar a interpretação do leitor: 1) profecia de chuvas como folclore que a ciência explica; 2) sabedoria tradicional competindo com a ciência; e 3) o conhecimento tradicional como “ciência popular” legitimada por cientistas do estado.

### *Profecia de chuvas como folclore que a ciência explica*

A nossa pesquisa nos arquivos dos maiores jornais cearenses, *Diário do Nordeste* e *O Povo*, revela que as mais antigas matérias sobre profetas são da década de 1980, as quais categorizam a sabedoria tradicional dos profetas da chuva como folclore, associando-a a uma ideia do passado cultural do Ceará que era dominado pelo trabalho rural, quando estudos formais na escola eram raros e a educação era baseada na experiência vivida. O discurso usado nesses artigos é que, na ausência dos estudos científicos sobre a seca, sertanejos criaram crenças, profecias e orações.

Nos jornais, as notícias sobre profetas individuais, e não um grupo deles, são encontradas no mesmo gênero de astrologia, numerologia, misticismo, cultura popular e festas. O tipo de manchete mais comum nesses artigos é na forma “Profeta da chuva prevê X”, onde há pouca consideração de profetas da chuva como um grupo e nada sobre o contexto social em que eles trabalham, a não ser quando mencionam que os agricultores os consultam antes de plantar, no início do ano. As previsões são informadas como opinião de um ancião sábio, sem avaliação e questionamento acerca da autoridade do profeta. O apelido “profeta da chuva” é muito usado e a previsão é chamada “profecia” ao invés de “previsão” ou “prognóstico”, como é mais comum nos dias de hoje. Há uma maior visibilidade quando a palavra “profecia” é utilizada, principalmente para uma vertente religiosa do conhecimento, em que a capacidade de

fazer previsão é descrita como um “dom” de Deus ou uma revelação divina, enfatizando ainda mais o contraste com o conhecimento científico.

Antes do primeiro Encontro dos Profetas da Chuva em 1996, a maioria dos artigos de jornal seguia a mesma estrutura genérica: apresentação do profeta, informe sobre sua previsão, seguido por alguns exemplos de sinais relevantes naquele ano. Até 1993, se os meteorologistas eram mencionados, era para citar alguma explicação do fenômeno observado pelo profeta como sinal de chuva. Por exemplo, o calor e a umidade são conhecidos pelos cientistas como os fatores mais influentes na geração de chuvas e as mudanças associadas no ecossistema. Logo, a ocorrência do sinal que o profeta vê, como a floração de uma árvore numa dada época do ano, é explicado pelos meteorologistas em termos de alta ou baixa umidade no ar. Nesse período, a meteorologia é mostrada como a autoridade confiável enquanto o profeta era apresentado como uma curiosidade que dava um tom peculiar à matéria.

Além das matérias em jornais, foram escritos dois livros que destacam a profecia de chuvas por indivíduos sertanejos que enquadram essa prática no discurso do folclore, e a subordinam em relação à ciência. O primeiro, escrito em 1963 por Jôsa Magalhães, um professor de medicina da Universidade do Ceará, tem como título *Previsões folclóricas das secas e dos invernos no Nordeste brasileiro* (Magalhães, 1963). O livro documenta muitos “sinais” e “experiências” usados pelos profetas do sertão para prever chuvas. Num tratamento similar ao que se encontra nos artigos de jornal, o que não é surpreendente sendo o autor um médico, ele nos dá explicações científicas para alguns sinais, assim reduzindo a autoridade e credibilidade desse tipo de conhecimento e prática, e definindo o seu valor apenas como folclore. O segundo livro, escrito por Alberto Galeno (1998), da Comissão Cearense de Folclore, para participar de um concurso sobre temas folclóricos, caracteriza os métodos usados pelos profetas para prever chuvas como “abusões” e “crendices”, e se refere aos sertanejos como “matutos cearenses”. Ele sugere que, embora “muitas das abusões, registradas nestes escritos, já não têm cabimento nos dias atuais [que] os matutos, graças principalmente aos meios de comunicação, tornaram-se menos crédulos... o empiricismo dos nossos matutos” ainda tem importância cultural (Galeno, 1998, p. 1). Então, fica claro nos textos produzidos pela mídia e por acadêmicos que os profetas e os demais sertanejos são vistos como representantes de uma tradição que pertence ao passado, ao folclore que devemos apreciar, mas sem acreditar nele.

A predileção pelas previsões da meteorologia, especificamente da Funceme, mudou quando na estação de 1993 houve uma seca, contrariando suas previsões e conseqüentemente abalando sua credibilidade perante a mídia (Finan, 2003). Esta era considerada uma falha grave da ciência, embora nenhuma previsão dê total certeza do que pode acontecer, as portas para as críticas já tinham sido abertas. A partir desse ano, artigos jornalísticos sobre os profetas começavam a incluir críticas negativas sobre a capacidade de a Funceme fazer previsões, marcando uma transição do movimento de importância entre o discurso da Funceme para o discurso dos profetas.

### *Conhecimento tradicional competindo com a ciência*

O interesse em dizer como será a próxima estação chuvosa é tanto dos cientistas quanto dos profetas da chuva. Contudo, quando se reúnem no encontro, esses diferentes grupos tornam-se alvos da mídia, isto é, são postos como grupos que competem entre si.

Em 1995, a competição entre os profetas da chuva e a Funceme havia adquirido mais destaque nos jornais, muitas vezes mencionada enfaticamente no primeiro parágrafo dos artigos, ou mesmo em suas manchetes, como na frase “Profetas da chuva desafiam FUNCEME” (Profetas apostam..., 1995). Depois do primeiro encontro, que contava com um meteorologista da Funceme como participante, as previsões da estação chuvosa se tornaram merecedoras de uma página inteira do caderno Regional do *Diário do Nordeste*, com fotos e textos comparando as previsões dos profetas e da Funceme. Três das quatro manchetes principais descrevem o encontro como uma competição: “Chico Mariano desafia previsão oficial em 97”, “Debate possibilita troca de experiência”, e “Duelo de profetas e FUNCEME foi evidente” (Sousa, 1997a, 1997b, 1997c). Posteriormente, havia um tom de comemoração, em que os profetas eram parabenizados pela sabedoria, especialmente Chico Mariano, profeta que se sobressaiu entre os demais e contra a Funceme. Ele previu corretamente o inverno, até mesmo dizendo o dia em que a estação esperada iria começar. O inverno de 1997 foi descrito não apenas como um triunfo dos profetas sobre os meteorologistas, como também do conhecimento tradicional sobre a ciência. Isso é revelado mediante manchetes de jornal de circulação regional, tais como: “A sabedoria do sertanejo sobrepujou os conhecimentos científicos e os computadores da FUNCEME”, ou “Quem sabe mais, o cientista ou o rude

homem do campo?” (Sousa, 1997d); esta indagação, vinda no início de uma reportagem, já traz uma resposta favorável ao profeta, agora generalizado para o “homem do campo”.

A extensão do profeta da chuva como produtor sertanejo, de conhecimento especializado e capacidade de prever, agrega mais para a população rural, ao trazer em sua bagagem cultural a tradição em contraposição à ciência. Elementos do discurso de oposição entre ciência e conhecimento empírico podem ser notados nas reportagens através de: o tom da previsão, evidenciando o otimismo dos profetas que animam os produtores contra pessimismo da Funceme; a fé e a obediência a Deus, sempre ressaltadas pelos profetas e a ausência de discurso de cunho religiosos por parte dos meteorologistas; os métodos divergentes para construção da previsão; e o conhecimento empírico *versus* estudos científico sistematizado.

Fortalecendo o confronto entre os dois saberes, o foco das reportagens precisava ser nos poderes de divinização ao invés de enfatizar a natureza empírica ou sistemática das observações dos profetas, segundo uma repórter entrevistada em 2005. Nisso, era importante que elas sempre demonstrassem respeito aos profetas, enquanto era permitido ridicularizar a Funceme com comentários críticos ou ironias. Na verdade, a maioria das notícias entre 1995 e 2006 dão exemplo desse tratamento, como mostra a seguinte ilustração:

Evento muito disputado por câmeras fotográficas e filmadoras, por curiosos e cientistas interessados no assunto, o IX Encontro Estadual dos Profetas da Chuva [...] deixou uma incógnita. Quem estará mais perto da “verdade” quanto à previsão de chuvas para este ano? A Ciência, com todos os seus apetrechos tecnológicos e horas de estudos e avaliações de seus pesquisadores? Ou a crença popular, que se vale da observação e simples interpretação dos fenômenos da natureza? A resposta só poderá ser conhecida quando da concretização da quadra chuvosa do Ceará, que tem início este mês e prossegue até junho. (Queiroz, 2005).

Esse discurso de competição entre a ciência e o conhecimento tradicional, gerado e promovido pela mídia, havia entrado no discurso popular e estava circulando em Quixadá em 2003, quando se iniciou a nossa pesquisa sobre os profetas da chuva. Na investigação perguntamos quem são os profetas e quais as razões dadas pelos agricultores que diziam que suas previsões eram melhores do que as dos meteorologistas. Apesar da insistência da mídia em nos perguntar quem acerta mais, durante os nove anos que estudamos o assunto, não

há interesse em comparar sistematicamente e a longo prazo as previsões de ambos para avaliar quem é mais habilidoso na previsão de chuvas. Afirmamos que tal resposta, ao mesmo tempo em que não desperta interesse antropológico, é utópica. Afinal, existem diferenças de olhares, leituras, escala, e até de fenômeno ao qual cada personagem desse acontecimento regional se refere, principalmente entre os próprios profetas, individualmente e pelos meteorologistas (Pennesi, 2007a, 2011a; Taddei, 2006).

Ao invés de alimentar a disputa entre ciência e conhecimento popular, cientistas sociais (Finan 1998, 2003; Lemos, 2000; Martins, 2006; Montenegro, 2008; Pennesi, 2007a, 2007b, 2011a, 2011b; Taddei, 2005, 2009) procuram entender os processos da produção, comunicação e interpretação de previsões, as motivações para preservar essa prática, os significados do papel do profeta da chuva na sociedade e os processos linguísticos, históricos, políticos e culturais que são importantes na construção dessa identidade. Às vezes nossos textos, escritos e falados, são descontextualizados e recontextualizados pela mídia para mostrar os profetas como mais sábios do que os meteorologistas, mas como mostramos na próxima seção, contribuimos também à legitimidade dos saberes e fazeres dos profetas.

### *Previsões dos profetas da chuva legitimadas pelas autoridades*

Chegamos ao terceiro modelo de interpretação utilizado pela mídia, em que as previsões dos profetas da chuva são enquadradas no mesmo discurso usado para as feitas pelos meteorologistas. Usando a criatividade no processo de descontextualizar e recontextualizar as falas dos entrevistados, os jornalistas mostram autoridades, como meteorologistas e professores, dando credibilidade aos métodos dos profetas. Por exemplo, em 2006, passou uma notícia sobre o encontro no telejornal regional. Como é o hábito, descreveram o encontro como uma reunião de “profetas populares” com meteorologistas (plural), mesmo que jamais tenha havido mais de um meteorologista presente nos encontros. Isso faz parecer que existe uma disputa entre profetas e meteorologistas, dando-nos a impressão de que há uma competição entre dois iguais. A matéria informou que teria inverno no Ceará naquele ano, segundo os profetas. Trechos curtos mostraram três profetas descrevendo os sinais que haviam observado. Depois, a seguinte citação de um meteorologista da Funceme foi inserida para legitimar a “sabedoria popular”.



Repórter: Hoje, sabedoria popular e ciência andam lado a lado. No encontro, a Funceme anunciou que a previsão oficial só vai ser feita na semana que vem, mas, *para os meteorologistas, os profetas sabem o que estão dizendo.*

Meteorologista: *Porque* a natureza tem sensibilidade pra prever o curto prazo. Se tá chovendo ou tá próximo de chover, a formiga vai limpar o ninho, a vegetação vai aflorar, coisa desse tipo. (*Jornal do 10*, TV Verdes Mares, 14 de janeiro de 2006).

Quando entrevistamos o meteorologista no dia seguinte, ele reclamou dessa reportagem, alegando que transparecia uma confirmação por parte dos meteorologistas e a Funceme na existência de uma crença na capacidade dos profetas da chuva de prever o clima baseado nas observações de insetos e plantas. Isso se deve ao fato da frase dita pelo meteorologista começar com “porque”, podendo ser usada, então, para indicar uma continuação da frase do repórter, como se ele estivesse explicando por que os meteorologistas acreditam que “os profetas sabem o que estão dizendo”.

Análise do resto do discurso antes e depois da frase supracitada, usando nossa própria gravação da entrevista inteira, revela que o meteorologista estava fazendo um contraste entre o limite de tempo dos prognósticos feitos pela Funceme e dos feitos pelos profetas. Ele notou que o assunto do encontro é previsão de clima (longo prazo), e não de tempo, pois estão todos falando da estação chuvosa que dura de quatro a seis meses. O meteorologista explicava que os fenômenos naturais observados pelos profetas são apropriados apenas para previsões de tempo de curto prazo (um a três dias), uma vez que insetos, plantas, etc. só têm sensibilidade às mudanças imediatas de umidade, pressão do ar e temperatura. O argumento dele era que a metodologia dos profetas é incapaz de gerar uma previsão de clima confiável, o que a Funceme consegue fazer. Depois que essa reportagem saiu, a frase “prever o curto prazo” circulou em várias outras daquele ano e era usada em relação tanto aos profetas quanto à meteorologia, recontextualizada para afirmar ou também negar a capacidade de cada grupo fazer previsões corretas.

A análise apresentada aqui demonstra que até 2007 existe uma progressão na forma em que a sabedoria tradicional dos profetas da chuva é representada na mídia. Na primeira fase antes dos encontros, os profetas representavam um conhecimento que a ciência desacreditava. Na segunda fase, quando os encontros se realizavam anualmente, o conhecimento tradicional dos profetas

era descrito como igual competidor da ciência. Nesta terceira fase, os profetas já foram denominados “cientistas populares” e palavras como “estudos científicos” e “diagnóstico”, normalmente reservadas para descrições das atividades de pesquisadores, são agora usadas para falar sobre os profetas (“Cientistas populares”..., 2007). Os limites da divisão usual entre ciência e conhecimento tradicional não são mais tão distintos, como é evidente na linguagem.

Podemos ver como um discurso antropológico faz parte da invenção do encontro como uma tradição que expõe o conhecimento popular para beneficiar a sociedade rural. Em 2005, uma doutoranda de antropologia (Pennesi) foi entrevistada durante o encontro para uma matéria de telejornal. Tipicamente, perguntou o jornalista quem acerta mais: os cientistas ou os profetas. O único trecho de 3 segundos que foi tirado da longa resposta de Pennesi sobre a impossibilidade de fazer tal comparação, mostra “a professora” dizendo que os profetas também são cientistas, pois fazem observações sistemáticas da natureza. Se um dos objetivos do encontro é de valorizar as previsões populares, esta é uma demonstração de como isso é feito pela mídia.

A partir de 2008 o formato do encontro mudou, foi a partir desse ano que não houve mais a participação de representante da Funceme. Um dos motivos disso é a tentativa de manter uma separação entre ciência e cultura popular. Isso significa que não participavam mais representantes da ciência para um possível debate com os profetas. Sem essa presença, a mídia começou a enfatizar os desacordos entre os profetas, por meio da menção das previsões feitas em anos anteriores como avaliação da credibilidade dos profetas, comparando as previsões e resultados de uns com os outros. Um artigo sobre o encontro de 2011 num jornal regional demonstra:

No ano passado, *aconteceu contradição entre os profetas. Alguns acreditaram no inverno outros não...* Na última edição do tradicional Encontro, a maioria havia apresentado boas perspectivas para a quadra chuvosa no Estado. Todavia, *a média pluviométrica foi bem abaixo do esperado*, provocando perdas de safra e frustração para quem tira o sustento do campo. O profeta Renato Lino *foi um dos poucos a contrariar os companheiros* observadores do tempo. [...] *A previsão pessimista foi ofuscada pelos aplausos a Erasmo Barreira, outro profeta da terra.* “Vai ter inverno dos bons”, anunciava, erguendo o ninho de João-de-barro. Mas dessa vez, assegura o lavrador de Tapuiará que *a previsão não vai contrariar o anseio da maioria.* [...] “Vem inverno por aí”, acrescenta o profeta Lino [...]. Além de Renato Lino [...] *apenas Severino Silveira e Francisco*

*Alves acertaram as previsões. Mesmo assim, foram criticados pela maioria dos profetas. (Pimentel, 2011, grifo nosso).*

Em 2010, o mesmo jornalista havia apresentado uma avaliação percentual do nível de acerto de cada profeta, tratamento similar ao que é feito no mundo científico.

*Responsáveis pelo maior número de acertos na última década, Chico Leiteiro, Paulo Costa e Antônio Lima têm praticamente as mesmas previsões para o inverno deste ano. Deve chover muito. No levantamento efetuado pela reportagem, o trio tem percentual de acerto, avaliado o quadro geral no Ceará, superior a 80%. (Pimentel, 2010, grifo nosso).*

Com essa nova avaliação feita do desempenho dos profetas, a mídia destaca um ou outro como mais confiável, sugerindo que há uma confiabilidade maior nos profetas com maior percentual de acerto, mesmo que isso não seja garantido completamente. Além disso, em entrevistas com a mídia, o organizador do encontro cita o resultado de uma pesquisa estatística feita anualmente, que procura determinar a distribuição de opiniões positivas e negativas sobre a estação chuvosa daquele ano (Pimentel, 2008).

Apesar dessas mudanças no discurso midiático, o encontro tem se tornado cada vez mais um espetáculo de cultura popular, com repentistas e violeiros e apresentações de dança tradicional. Cortêz disse explicitamente na abertura do encontro de 2009: “Hoje nós não concorremos com a ciência, nós temos simplesmente, assim, o privilégio de nós estarmos dando vida a essa cultura.” Então, enquanto o conhecimento tradicional dos profetas é mais respeitado e elevado ao nível de “ciência” nas representações promovidas pela mídia atualmente, o encontro como evento continua dentro dos domínios da cultura popular, e não se transformou, por exemplo, num congresso.

### A circulação de discursos entre a mídia, pesquisadores e os profetas

Uma consequência da atenção da mídia é que parte da plateia para o encontro é composta de pessoas trabalhando na produção das reportagens: repórteres, jornalistas, técnicos, operadores de câmera e assistentes. O espetáculo da mídia filmando, gravando entrevistas e fazendo anotações atrai curiosos que querem observar esse processo ou que avaliam que o encontro

é importante devido à atenção que a mídia direciona ao evento. Por exemplo, em 2011 um repórter de fama nacional foi a Quixadá para fazer um segmento sobre os profetas para o quadro “Me Leva Brasil”, que faz parte do programa dominical *Fantástico*, um dos mais populares e conhecidos programas de televisão no país. O repórter sempre teve um grupo de fãs ao seu redor ou observando as entrevistas que ele fazia na cidade e, certamente, atraiu mais pessoas para acompanhar as suas atividades no local do encontro. Nesse contexto, a mídia prestigia o evento e também faz parte dele, o que gera metacomentários em que o foco da notícia escrita é a participação de tanta mídia, como as seguintes manchetes ilustram: “‘Profetas da chuva’ demonstram seus prognósticos para a mídia brasileira” (Perigoso, 2011); “Profetas da chuva de Quixadá vivem dia de fama: no Encontro Anual, os profetas da chuva apresentam suas previsões, dão entrevistas e são alvo de pesquisas” (Gomes, 2011).

Pesquisadores também têm papel nessas representações. Por exemplo, é possível que o equipe do *Fantástico* tenha sabido do encontro dos profetas através de uma mensagem escrita por um antropólogo brasileiro (Taddei), sugerindo o evento como matéria que se encaixava no tema do programa de mostrar eventos, práticas e personalidades curiosos ao resto do país. Chegando em Quixadá, outra antropóloga (Pennesi) combinou com o repórter de trocar entrevistas, cada um participando na produção de textos sobre os profetas e o encontro, e os utilizando no seu próprio trabalho. No dia depois do encontro, passou no *Fantástico* um clipe com Pennesi dizendo que consultava os profetas para saber quando ia chover. Por ser uma professora, e do Canadá ainda por cima, as frases foram escolhidas porque davam credibilidade às previsões e assim contribuíam ao “resgate” da tradição, concretizado no encontro. As interações entre os repórteres e os pesquisadores, observadas pelos participantes durante o encontro, resultou num reforço mútuo de prestígio. Professores, que são destacados pela mídia e pelos organizadores do encontro, transferem prestígio aos profetas quando falam e escrevem sobre eles. Além disso, pesquisadores como Pennesi e Taddei (entre outros), andando pelo local com equipamentos para gravar entrevistas e os acontecimentos, fazem parte da imagem geral de que o evento é algo importante. Ao mesmo tempo, a mídia, que conta com a colaboração dos pesquisadores, ganha credibilidade para as suas reportagens, como também ideias e interpretações que enriquecem as matérias.

Os profetas também são conscientes da circulação de discursos, através da mídia e de pesquisas. Alguns procuram se beneficiar da atenção que

a mídia dá ao encontro, na tentativa de circular seus próprios discursos. Por exemplo, depois de ser entrevistado por uma repórter de televisão, o profeta-cientista Luiz Gonzaga pediu que gravassem uma reclamação sua, requerendo da emissora a volta de uma repórter que transmitia as previsões do tempo. Outros dizem que prestam mais atenção nas observações e estudam melhor a natureza para fazer uma boa previsão, sabendo que quando se posicionam como profetas da chuva e expõem publicamente os resultados a que chegam há um compromisso implicitamente firmado com a população, a respeito da validade e veracidade das previsões feitas. Alguns profetas hesitam em falar no encontro do ano que segue uma previsão equivocada. O profeta chamado Jacaré descreve a pressão:

A gente paga muito mico, sabe. Eles ficam na rua, “Cadê, Jacaré, a chuva? Cadê o inverno?” A gente fica pagando aquele mico [risos] na rua. O povo cobrando da gente, tá entendendo, como se a gente fosse obrigado a dizer certo. (Entrevista em 26 de maio de 2010).

Um profeta, sabendo das nossas intenções de publicar algo sobre os profetas (não diferenciando uma revista acadêmica de um jornal), pediu que tirássemos fotos dele segurando os frutos da sua lavoura e gravássemos a declaração de que ele tinha acertado a previsão de “bom inverno” e que os legumes que segurava eram a prova (Pennesi, 2007a, p. 277-278). Outro profeta, com o apelido de Paroara, demonstra sua preocupação com a sua reputação não só dentro da comunidade mas no exterior também, quando imagina que a pesquisadora vai divulgar as suas previsões no Canadá. Paroara diz:

Porque uma falha não prejudica só a mim, prejudica a várias pessoas. É porque lá no Canadá onde a senhora mora, “fulano de tal falou e nem deu certo”. E tal, aquele negócio. Não fica só nessa panelinha não, tá espalhado agora. (Entrevista em 25 de maio de 2010).

Então a atenção trazida pela mídia e por pesquisadores pode ser positiva, motivando o aperfeiçoamento das previsões dos profetas; contudo, pode também aumentar a frequência com que recebem críticas. Os profetas, conscientes disso, se tornaram participantes ativos na produção das representações midiáticas e querem diversificar os contextos em que são ouvidos.

Cortêz, por ser a pessoa que convida a imprensa para o encontro todo ano, sabe que se expondo às manipulações da mídia, os profetas correm o risco de ser ridicularizados. Ele se sente responsável em proteger a reputação dos profetas, às vezes até pede para os jornalistas manterem respeito em relação ao encontro. Enquanto os organizadores dependem da mídia como agente fundamental na divulgação do encontro, antes e depois, e na continuidade dele como uma tradição, não podem controlar os textos e nem a circulação destes.

Podemos dizer a mesma coisa em relação aos textos produzidos por antropólogos ou outros pesquisadores. Na maioria dos casos, os participantes das nossas pesquisas não têm acesso aos textos que produzimos antes que sejam publicados e, muitas vezes, nem depois, por não falarem a língua em que são escritos ou por não entenderem a linguagem acadêmica. Existe uma tendência a mudar esse fato, e hoje é muito mais comum colaborar com participantes na apresentação dos trabalhos. Foi essa uma das motivações para escrever este artigo em português e publicar numa revista brasileira: sentimos uma responsabilidade de criar algo que seria acessível (pelo menos de idioma) à comunidade em que trabalhamos, a aos estudantes brasileiros que poderiam se interessar no assunto. Ao mesmo tempo, nada garante que eles vão aprovar o que escrevemos. Vários antropólogos já demonstraram que podem surgir problemas quando as comunidades leem os nossos trabalhos, ou mesmo quando leem o que a mídia escreve sobre nossos trabalhos (Brettell, 1993). O ponto é que qualquer texto – midiático, acadêmico, conversa – pode ser recontextualizado com efeitos e interpretações não antecipadas. O mesmo processo que nos possibilita criatividade também apresenta dificuldades na negociação de identidades.

## Conclusão

Duas marcas do sucesso do encontro como algo que resgata a cultura dos profetas (ou seja, a relação com a terra e o conhecimento empírico que eles representam) incluem um maior interesse do público nos profetas e uma atitude positiva acerca dessa cultura. Esses dois pontos podem incentivar as pessoas a prestar mais atenção no meio ambiente e a desenvolver seus próprios talentos em fazer previsões, como também incentivar os profetas existentes a se manifestar e ensinar os jovens. Atitudes positivas entre os jovens já se evidenciam. Por exemplo, uma estudante de jornalismo que viu o encontro

de 2011 colocou uma foto dela com um profeta da chuva no seu *fotolog*,<sup>6</sup> acompanhada do seguinte comentário: “Encontro dos Profetas da chuva em Quixadá, o conhecimento empírico sobretudo trazendo a troca de saberes... Valeu mais que 200 horas aulas!” Em Quixadá, duas filhas de profetas começaram a participar do encontro, dando suas previsões, e mostrando uma nova geração de profetas se iniciando.

Neste trabalho, vimos como a mídia contribui à invenção da tradição do encontro e, portanto, ao resgate dessa cultura. Os pesquisadores também têm um papel a cumprir na valorização do que os profetas representam, como os comentários de Cortêz ilustram:

Para [Helder Cortêz], o maior valor do encontro dos profetas é a valorização cultural da “sabedoria popular”. “Em todas as cidades do Ceará nós temos profetas, o que fizemos foi reunir esses profetas, que são os personagens principais do evento, e valorizar as profecias deles”, diz. O coordenador destaca também que já foram publicados livros, trabalhos de conclusão de curso, teses de mestrados e documentários sobre o encontro anual. “Queríamos mais a participação de professores e alunos das universidades cearenses. Atualmente recebemos mais pesquisadores de outros países do que próprio Ceará”, diz. (Teixeira, 2012).

Muitas vezes, antropólogos veem jornalistas como um *alter ego* em termos éticos e epistemológicos, como vemos no livro organizado por Brettell (1993). Jornalistas trabalham com um prazo curto para publicar, passam pouco tempo no local, e demonstram opiniões sobre os acontecimentos que descrevem. Do outro lado, antropólogos podem passar anos fazendo pesquisas numa comunidade ou sobre um assunto, e portanto têm muito mais tempo para escrever e publicar suas ideias, tipicamente as de uma perspectiva neutra, sem julgamentos. No caso do encontro dos profetas que apresentamos aqui, antropólogos interagem com jornalistas, um contribuindo com o trabalho do outro, e os dois grupos participando na invenção da tradição do encontro. As entrevistas e visitas que antropólogos fazem aos profetas certamente são vistas pelos profetas de uma forma semelhante àquelas feitas por jornalistas, em termos do prestígio adquirido por ser entrevistado, e em termos das suposições que eles fazem sobre o tipo de pergunta que vamos fazer. Então, servimos

---

<sup>6</sup> Cf. <http://www.fotolog.com/epinefleur/62571126>.

a funções comuns: a de participar do encontro, a de valorizar os saberes e fazeres dos profetas, e a de divulgar informações sobre o encontro. Por isso, no discurso público, às vezes refletido na mídia, a presença da mídia e de pesquisadores no encontro é tratada igualmente como indicadora da importância do evento.

Contudo, como antropólogos, trabalhando durante muitos anos na comunidade de Quixadá, sentimos uma responsabilidade em relação aos profetas e aos organizadores do encontro, com quem desenvolvemos relações mais complexas. Uma dessas responsabilidades é de registrar o conhecimento e práticas dos profetas. Por exemplo, além de possuir cópias da literatura acadêmica sobre os profetas, temos uma coleção de documentos, transcritos, gravações e reportagens sobre todos os encontros desde 1996, e uma base de dados com mais de mil indicadores de chuvas e secas usados pelos profetas: um acervo incomparável de informações sobre o assunto. Acreditamos que nosso papel como participante-observador inclui essas coisas, mas temos que reconhecer que com isso estamos influenciando o que estamos estudando. Um exemplo é que o encontro é gravado profissionalmente hoje, depois de os pesquisadores demonstrarem em anos passados que existe um interesse nesse tipo de “dado”, e até dividir as despesas da produção do DVD. Além do valor como registro do evento, a distribuição dos vídeos é mais uma forma com que os discursos dos profetas podem ser apreciados e circulados. Então, participamos na realização do encontro, não divulgando previsões, mas como coinventores da tradição.

## Referências

BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. In: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 114-119.

BRETTELL, C. Introduction: fieldwork, text, and audience. In: BRETTELL, C. (Ed.). *When they read what we write: the politics of ethnography*. Westport, Conn.: Bergin and Garvey, 1993. p. 1-24.

BRIGGS, C.; BAUMAN, R. Genre, intertextuality and social power. *Journal of Linguistic Anthropology*, v. 2, n. 2, p. 131-172, 1992.



CHAMBERS, E. *Native tours: the anthropology of travel and tourism*. Long Grove, IL: Waveland Press, 2010.

“CIENTISTAS POPULARES” apontarão perspectivas para as chuvas. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 11 jan. 2007. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/noticia.asp?codigo=166035&modulo=964>>. Acesso em: 15 jan. 2007.

FINAN, T. *Birds' nests, donkey balls and El Niño: the psychology of drought in Ceará, Northeast Brazil*. Paper presented at the Annual Meeting of the American Anthropological Association, Philadelphia, Dec. 2-6, 1998.

FINAN, T. Climate Science and the policy of drought mitigation in Ceará, Northeast Brazil. In: STRAUSS, S.; ORLOVE, B. (Ed.). *Weather, climate, culture*. New York: Berg, 2003. p. 203-216.

GALENO, A. S. *Seca e inverno nas “experiências” dos matutos cearenses*. Fortaleza: Gráfica do Sindicato dos Bancários, 1998.

GOMES, L. Profetas da chuva de Quixadá vivem dia de fama. *O Povo*, Fortaleza, 10 jan. 2011. Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/app/opovo/ceara/2011/01/10/noticiasjornalceara,2087842/profetas-da-chuva-de-quixada-vivem-dia-de-fama.shtml>>. Acesso em: 10 fev. 2012.

HOBSBAWM, E.; RANGER, T. (Ed.). *The invention of tradition*. New York: Cambridge University Press, 1983.

LEMOS JR., M. L. *Os profetas populares de Quixadá*. Monografia (Licenciatura em História)–Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central, Universidade Estadual do Ceará, Quixadá, 2000.

MAGALHÃES, J. *Previsões folclóricas das secas e dos invernos no Nordeste brasileiro*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1963.

MARTINS, K. P. H. (Org.). *Profetas da chuva*. Fortaleza: Tempo d’Imagem, 2006.

MAYBLIN, M. Learning courage: child labour as moral practice in Northeast Brazil. *Ethnos*, v. 75, n. 1, p. 23-48, Mar. 2010.

MONTENEGRO, A. *Ceará e o profeta de chuva*. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

PENNESI, K. *The predicament of prediction: rain prophets and meteorologists in Northeast Brazil*. Tese (Doutorado em Antropologia)—University of Arizona, Arizona, 2007a.

PENNESI, K. Improving forecast communication: linguistic and cultural considerations. *Bulletin of the American Meteorology Society*, v. 88, n. 7, p. 1033-1044, 2007b.

PENNESI, K. Making forecasts meaningful: explanations of problematic predictions in Northeast Brazil. *Weather, Climate and Society*, v. 2, n. 3, p. 90-105, 2011a.

PENNESI, K. *The future and farming in Northeast Brazil*. Paper presented at the Annual Meeting of the American Anthropological Association, 110. Montreal, 16-20 Nov. 2011b.

PENNESI, K.; SOUZA, C. R. B. Encontro dos profetas populares da chuva de Quixadá: reflexões acerca dos quinze anos. In: ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA DA UNIFOR, 11., 2011, Fortaleza. *Anais...* Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 2011. p. 1-16.

PERIGOSO, J. “Profetas da chuva” demonstram seus prognósticos para a mídia brasileira. *Revista Central*, Quixadá, 7 jan. 2011. Disponível em: <[http://revistacentral.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1085:profetas-da-chuva-continuam-desafiando-cientistas-da-tecnologia&catid=129:quixada-2&Itemid=472](http://revistacentral.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1085:profetas-da-chuva-continuam-desafiando-cientistas-da-tecnologia&catid=129:quixada-2&Itemid=472)>. Acesso em: 10 fev. 2012.

PIMENTEL, A. Estatística busca apontar chances de bom inverno. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 18 jan. 2008. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=504784>>. Acesso em: 10 fev. 2012.

PIMENTEL, A. Profetas das chuvas preveem inverno rigoroso. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 8 jan. 2010. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=716479>>. Acesso em: 10 fev. 2012.

PIMENTEL, A. Profetas populares preveem ‘bom inverno’ para 2011. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 7 jan. 2011. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=913774>>. Acesso em: 10 fev. 2012.

PROFETAS APOSTAM que 95 será ano de boas chuvas. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 4 jan. 1995.

QUEIROZ, L. Pesquisadores preocupados com a seca. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 10 jan. 2005. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=218121>>. Acesso em: 10 fev. 2012.

SOUSA, J. Chico Mariano desafia previsão oficial em 97. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 31 maio 1997a.

SOUSA, J. Debate possibilita troca de experiência. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 31 maio 1997b.

SOUSA, J. ‘Duelo’ de profetas e funceme foi evidente. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 31 maio 1997c.

SOUSA, J. Profetas populares comemoram resultado do inverno. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, p. 20, 16 maio 1997d.

SPITULNIK, D. The social circulation of media discourse and the mediation of communities. *Journal of Linguistic Anthropology*, v. 6, n. 2, p. 161-187, 1996.

TADDEI, R. *Of clouds and streams, prophets and profits: the political semiotics of climate and water in the Brazilian Northeast*. Tese (Doutorado em Antropologia)—Columbia University, New York, 2005.

TADDEI, R. Oráculos da chuva em tempos modernos: mídia, desenvolvimento econômico e as transformações na identidade social dos profetas do sertão. In: MARTINS, K. P. H. (Org.). *Profetas da chuva*. Fortaleza: Tempo d’Imagem, 2006. p. 161-170.

TADDEI, R. The politics of uncertainty and the fate of forecasters: climate, risk, and blame in Northeast Brazil. In: JANKOVIC, V.; BARBOZA, C. (Org.). *Weather, local knowledge and everyday life: issues in integrated climate studies*. Rio de Janeiro: MAST, 2009. p. 1-20.

TEIXEIRA, A. 'Profetas da chuva' do CE preveem bom ano para agricultura no Nordeste. G1, 14 jan. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ceara/noticia/2012/01/profetas-da-chuva-do-ce-preveem-bom-ano-para-agricultura-no-nordeste.html>>. Acesso em: 15 jan. 2012.

VICELMO, A. Inverno de 85 começa em fevereiro. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, p. 13, 3 jan. 1985.

WANDERLEY, M. N. B. A valorização da agricultura familiar e a reivindicação da ruralidade no Brasil. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, n. 2, p. 29-37, jul./dez. 2000. Disponível em <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs-2.2.4/index.php/made/article/view/22105/14471>>. Acesso em: 20 jan. 2012.

WANDERLEY, M. N. B. Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro. In: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. (Org.). *Juventude rural em perspectiva*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 21-34.

Recebido em: 28/02/2012

Aprovado em: 30/07/2012